

CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA COM A SANTIDADE DE DEUS

Rev. Dr. Paulo Severino

Êxodo 3.1-10

INTRODUÇÃO

O texto relata um encontro de Moisés com Deus. É a cena de sua vocação. Portanto, trata-se de seu primeiro encontro com o Senhor.

A Bíblia é repleta de cenas de encontro de homens e mulheres com Deus. Ou, melhor dizendo, de Deus com homens e mulheres. Porque a Deus cabe sempre a iniciativa de vir a nós e promover encontro conosco. Ele é o Deus sempre em busca de nós, para que experimentemos sua salvação, vivamos em sua comunhão, estejamos a seu serviço.

O tema do encontro de Deus conosco é especialmente importante para nós cristãos por várias razões: porque cremos que Deus em Jesus Cristo encontrou-se conosco, em nossa história, de maneira singular; porque cremos que Deus em seu Espírito está presente entre nós e em nós, habitando nossos corações; porque cremos que no culto nos encontramos regularmente com Deus. E que a vida no mundo, no dia-a-dia, também é ocasião e lugar de encontro com Deus, em tudo o que nos acontece.

Encontrar-se com Deus é fazer experiência com sua santidade. Pois santidade é o que define Deus – o Totalmente Outro, na expressão lapidar de Rudolf Otto.

A santidade, que caracteriza Deus por excelência, é um dos valores que desde sempre impressionaram o ser humano (ao lado da verdade, da bondade e da beleza). Cada um desses valores satisfaz a um anseio humano, respectivamente, espiritual, intelectual, ético e estético. Os gregos falavam apenas da verdade, da bondade e da beleza como os valores que compõem a essência da realidade. Mas como pessoas religiosas que somos acrescentamos a santidade, que possui as três outras qualidades: é bela, é boa, é verdadeira.

Encontrar-se com Deus, portanto, é encontrar-se com o Santo. E este encontro tem características que aparecem claramente no texto que lemos, e em tantos outros da Bíblia, características que iluminam e esclarecem a nossa própria experiência de encontro com o Deus santo. Vejamos quais são elas.

A SANTIDADE DE DEUS NOS FASCINA

Ela encanta, atrai, deslumbra. Deixa o ser humano admirado, maravilhado. Deus é mistério que fascina.

A fascinação de Moisés é declarada no v. 3. Moisés fica fascinado, maravilhado, porque a sarça arde e não se consome. Deus estava presente ali, manifestando-se ali, mostrando sua santidade naquele fenômeno, sem destruir a sarça.

A sarça que arde e não se consome é figura da criação, dentro da qual e por meio da qual a santidade de Deus se revela, sem sequer danificá-la. E nós, como parte da criação, também experimentamos a mesma maravilha que nos encanta – de entrarmos em contato e comunhão com a santidade sem sermos consumidos. Apesar de todas as limitações e fragilidades da matéria; no nosso caso específico, a despeito da carne, do pó de que somos feitos.

Tudo isso se vê da maneira mais clara e perfeita na encarnação de Jesus Cristo. Deus em Cristo assumiu a nossa condição humana, com todos os seus limites e fraquezas; fez sua santidade, ou, em outras palavras, sua glória habitar na carne de Jesus, reafirmando a bondade da criação, a bondade da matéria, a bondade da carne, compatíveis com a bondade do Criador, e dignificando assim a condição humana de maneira inimaginada e inimaginável.

Diante da manifestação do Deus santo na sarça, Moisés deseja mover-se em sua direção; quer se aproximar, tenta se aproximar. Busca estar o mais perto possível. Porque Deus nos atrai, de maneira irresistível. Sua santidade nos fascina e nos toca como uma coisa boa, ainda que não inteiramente compreensível.

Experiência com Deus é marcada pelo fascínio diante de sua santidade. É o que nos faz cantar em adoração, louvor e ação de graças. Mas, ao mesmo tempo, e por paradoxal que pareça,

A SANTIDADE DE DEUS NOS IMPÕE TEMOR

Deus impede Moisés de aproximar-se mais. E ordena-lhe que tire as sandálias dos pés, em sinal de respeito e reverência. Porque aquele era um lugar santo. Não santo em si, mas santo porque nele a santidade de Deus estava se manifestando, fora comunicada àquele pedaço de terra.

E isto leva Moisés a temer. Ele esconde o rosto, temendo olhar para Deus (v. 6).

A santidade atemoriza. Deus é mistério que faz tremer. Não só mistério que fascina, mas também mistério que faz tremer. Porque ele é o Totalmente Outro, radicalmente diferente de nós. Não se trata de um Deus distante, mas de um Deus distinto. Ele se faz próximo, na sarça que arde e não se consome, na carne de Jesus Cristo, no seu Espírito que habita em nós, porque nos quer em sua comunhão. Mas ele permanece sendo inteiramente distinto em seu ser. Ele é o Criador, nós a criação. Ele não conhece limites no tempo e no espaço, e nós estamos presos a essas coordenadas. Ele é o Santo, e nós pecadores imperfeitos. Essa é a verdade a respeito da santidade de Deus: ela desperta temor. E o temor diante da revelação da santidade de Deus é irreprimível. Lembremo-nos de Elias, também no monte Horebe (1Rs 19), e Isaías, na cena de sua vocação (Is 6). É por isso que, no culto, reconhecemos e confessamos nossos pecados. Porque estamos diante do Santo, que provoca temor em nós.

Por isso, sempre que Deus se revela em sua santidade, sua primeira palavra é, quase sempre, “Não temas”. Porque o medo é a reação natural diante da manifestação do Deus santo. Moisés, tão encantado, e ainda sem saber direito o que estava acontecendo, não estava se dando conta disso, e portanto correndo risco de morte por um contato indevido com a santidade de Deus. Foi preciso que Deus o advertisse, para preservá-lo com vida, e com integridade. Logo que Deus se apresenta, dizendo a Moisés seu nome, ele se apercebe da situação; cai a ficha para Moisés, e ele responde adequadamente.

Diante de Deus, temor. Que não é só medo, embora também seja medo. Um dia, um aluno me perguntou: Professor, temor de Deus envolve medo de Deus? E eu lhe respondi: Sem dúvida. Como não ter medo diante do Todo-poderoso Criador dos céus e da terra, o Santo, Santo, Santo Deus dos exércitos? Há um medo saudável, que nos faz evitar perigos e riscos desnecessários, que nos preserva a vida, e isso vale também e sobretudo na vida espiritual, na relação com Deus. A melhor e mais amadurecida maneira de vivermos o temor de Deus é em respeito e reverência, mas o temor respeitoso ou reverencial não exclui um aspecto de medo, espiritualmente saudável. Assim fazem todas as pessoas sábias, pois “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria”.

Tão necessário é o temor de Deus que onde ele não se encontra o que se vê são as coisas horríveis de que fala o texto e que motivam a vocação e missão de Moisés: a opressão, a exploração, a injustiça, a total falta de respeito ao próximo. Coisas que caracterizavam a situação dos filhos de Israel no Egito. Coisas que também vemos em nossos dias e que já estamos cansados e fartos de aturar e sofrer. Coisas que acontecem porque falta temor do Senhor.

Jesus Cristo, Deus encarnado, também nos desperta temor. Pelas maravilhas que realiza, pelo poder de Deus que nele operava, e de forma máxima, pelo seu senhorio recebido de Deus em sua ressurreição. A Igreja o reconhece como Deus, e o adora, o reverencia, o teme como Senhor e Salvador, Rei e Juiz dos vivos e dos mortos.

Pois a santidade de Deus, vista de forma máxima na glória do Verbo encarnado, morto e ressuscitado, nos impõe temor. Mas há ainda uma terceira característica na experiência com a santidade de Deus.

A SANTIDADE DE DEUS NOS DESAFIA A UMA NOVA VIDA

Deus é mistério que fascina e faz tremer, mas também mistério que transforma.

Veja o v. 10. Quem era Moisés? Um João-ninguém. Embora criado como filho da filha de Faraó, destinado a grandes coisas no Egito, era agora um assassino fugitivo, reduzido a condição de criador de gado miúdo de seu sogro, num fim de mundo. Sem nenhuma perspectiva. Mas Deus tinha planos grandiosos para ele. Não como senhor do Egito, mas como libertador de seu povo, como mediador da salvação que haveria de se revelar plenamente em Jesus Cristo, mas que já estava presente e operante ali e então.

Era um desafio. Um desafio inescapável. O encontro com a santidade de Deus é assim, tremendamente desafiador. E desse desafio não há como fugir. Como bem sabia Jesus, desafiado por uma missão no limite de suas capacidades, que só pôde ser cumprida por causa de seu grande senso de obediência e fidelidade ao Pai.

Aqui está a beleza da santidade de Deus, no desafio que coloca diante de nós e nos impõe, desafio que nos transforma e nos faz realizar todo o potencial que Deus nos deu e para o qual nos trouxe à existência. A beleza, de um modo geral, tem esse poder transformador, como reconhecem os artistas e os admiradores da arte. Ela afeta e modifica o nosso viver. E eu me lembrei do poema de Rainer Maria Rilke, *O Torso Arcaico de Apolo*. Que é muito mais bonito na tradução de Manuel Bandeira do que no original alemão de Rilke. Sem cabeça, sem braços e sem pernas, o torso é de uma beleza deslumbrante. E, a partir sua contemplação, sentindo-se também contemplado pelo torso, o poeta se sente desafiado a uma nova realidade, a corresponder à visão de toda aquela beleza. Ele percebe que é preciso mudar para tornar-se digno dela, e, por que não dizer, digno de toda a beleza do mundo. “Du musst dein Leben ändern”, diz a segunda parte do último verso: “Tu deves mudar tua vida”. Na tradução de Bandeira: “Força é mudares de vida”. É o teu, o meu, o nosso dever. Nisso está a nossa grandeza como seres humanos.

Se a beleza é assim, muito mais a beleza da santidade de Deus a nós revelada. Ela também nos move a uma transformação, muito mais importante, que dá novo rumo e sentido a nossas vidas, fazendo-nos começar a existir de verdade. “Sede santos, porque eu sou santo.” “Andemos em novidade de vida.” “Sede servos uns dos outros pelo amor.” “Porque o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate por muitos.” E, se Cristo “deu a sua vida por nós”, “devemos dar a nossa vida pelos irmãos”.

CONCLUSÃO

Deus é santo. Como santo vem ao nosso encontro.

A santidade de Deus é boa, pois não nos destrói nem nos causa dano, mas nos atrai para junto dele, nos salva e capacita para a sua comunhão; é verdadeira, pois revela o Senhor em toda a sua alteridade em relação a nós, e essa é a base de nossa relação com ele – a consciência de que ele é inteiramente distinto de nós, que nos faz tê-lo na medida justa e certa; é bela, pois nos convoca a uma mudança completa de vida.

A santidade de Deus se mostrou de forma mais perfeita na vida de Jesus, a santidade em pessoa; e é no encontro com Jesus que podemos experimentar a santidade da melhor e mais adequada maneira. Sua encarnação e morte nos fazem ver toda a bondade da santidade, que nos salva e nos encanta. Sua ressurreição, que o constituiu Senhor e Cristo, juiz dos vivos e dos mortos, nos desperta temor. Seu chamado ao seguimento nos desafia a uma nova vida, de entrega e serviço a todos.

Deus nos abençoe, e nos ajude a viver cada dia a partir desse encontro com sua santidade.

Rev. Dr. Paulo Severino

**O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor do Seminário Simonton, onde exerce as funções de coordenador do Departamento de Teologia Exegética e do Curso de Bacharel em Teologia, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Para falar com o autor, envie um email para: gloriapaulo@easyline.com.br*



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958